

27. OS MISTÉRIOS DA VIDA DE CRISTO

512-526



INTRODUÇÃO

Os parágrafos 512-521 do Catecismo da Igreja Católica introduzem o tema dos “mistérios da vida de Cristo”. O segundo artigo da profissão de fé fala do Filho de Deus que se fez homem (mistério da encarnação) “para nós e para a nossa salvação” (mistério da páscoa). Depois de explicar que toda a vida de Cristo é mistério, o Catecismo passa a tratar dos mistérios da infância e da vida oculta de Jesus (522-534). Ao ler os parágrafos 512-526, procure responder às perguntas: com que significado o Catecismo usa a palavra “mistério”? Em que sentido “toda a vida de Cristo é mistério”?

Texto 512-526

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

PARÁGRAFO 3



OS MISTÉRIOS DA VIDA DE CRISTO

512. Relativamente à vida de Cristo, o Símbolo da Fé apenas fala dos mistérios da Encarnação (concepção e nascimento) e da Páscoa (paixão, crucifixão, morte, sepultura, descida à mansão dos mortos, ressurreição, ascensão). Nada diz explicitamente dos mistérios da vida oculta e pública de Jesus. Mas os artigos que dizem respeito à

Encarnação e à Páscoa de Jesus esclarecem *toda* a vida terrena de Cristo. «Tudo o que Jesus fez e ensinou desde o princípio até ao dia em que foi elevado ao céu» (At 1,1-2) *deve ser visto á luz dos mistérios do Natal e da Páscoa.*

513. A catequese, segundo as circunstâncias, explanará toda a riqueza dos mistérios de Jesus. Aqui, basta indicar alguns elementos comuns a todos os mistérios da vida de Cristo (I), para depois esboçar os principais mistérios da vida oculta (II) e pública (III) de Jesus.

I. Toda a vida de Cristo é mistério

514. Muitas coisas que interessam à curiosidade humana, a respeito de Jesus, não figuram nos evangelhos. Quase nada se diz da sua vida em Nazaré e mesmo grande parte da sua vida pública não é relatada. O que foi escrito nos evangelhos, foi-o «para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome» (Jo 20,31).

515. Os evangelhos foram escritos por homens que foram dos primeiros a receber a fé e que quiseram partilhá-la com outros. Tendo conhecido, pela fé, quem é Jesus, puderam ver e fazer ver os traços do seu mistério em toda a sua vida terrena. Desde os panos do nascimento até ao vinagre da paixão e ao sudário da ressurreição, tudo, na vida de Jesus, é sinal do seu mistério. Através dos seus gestos, milagres e palavras, foi revelado que «n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade» (Cl 2,9). A sua humanidade aparece, assim, como «sacramento», isto é, sinal e instrumento da sua divindade e da salvação que Ele veio trazer. O que havia de visível na sua vida terrena conduz ao mistério invisível da sua filiação divina e da sua missão redentora.



OS TRAÇOS COMUNS DOS MISTÉRIOS DE JESUS

516. Toda a vida de Cristo é *revelação* do Pai: as suas palavras e atos, os seus silêncios e sofrimentos, a maneira de ser e de falar. Jesus pode dizer: «Quem Me vê, vê o Pai» (Jo 14,9); e o Pai: «Este é o meu Filho predileto: escutai-O» (Lc 9,35). Tendo-Se nosso

Senhor feito homem para cumprir a vontade do Pai, os mais pequenos pormenores dos seus mistérios manifestam «o amor de Deus para conosco».

517. Toda a vida de Cristo é mistério de *redenção*. A redenção vem-nos, antes de mais, pelo sangue da cruz. Mas este mistério está atuante em toda a vida de Cristo: já na sua Encarnação, pela qual, fazendo-Se pobre, nos enriquece com a sua pobreza; na vida oculta que, pela sua obediência, repara a nossa insubmissão; na palavra que purifica os seus ouvintes: nas curas e expulsões dos demônios, pelas quais «toma sobre Si as nossas enfermidades e carrega com as nossas doenças» (Mt 8,17); na ressurreição, pela qual nos justifica.

518. Toda a vida de Cristo é mistério de *recapitulação*. Tudo o que Jesus fez, disse e sofreu tinha por fim restabelecer o homem decaído na sua vocação originária:

«Quando Ele encarnou e Se fez homem, recapitulou em Si a longa história dos homens e proporcionou-nos, em síntese, a salvação, de tal forma que aquilo que havíamos perdido em Adão – isto é, sermos imagem e semelhança de Deus – o recuperássemos em Cristo Jesus». «Aliás, foi por isso que Cristo passou por todas as idades da vida, restituindo assim a todos os homens a comunhão com Deus».



A NOSSA COMUNHÃO NOS MISTÉRIOS DE JESUS

519. Toda a riqueza de Cristo «se destina a todos os homens e constitui o bem de cada um». Cristo não viveu para Si mesmo, mas *para nós*, desde a Encarnação «por nós homens e para nossa salvação» até à sua morte «por causa dos nossos pecados» (1Cor 15,3) e à sua ressurreição «para nossa justificação» (Rm 4,25). Ainda agora, Ele é «o nosso advogado junto do Pai» (1Jo 2, 1), «sempre vivo para interceder por nós» (Hb 7,25). Com tudo o que viveu e sofreu por nós, uma vez por todas, Ele está para sempre presente «em nosso favor, na presença de Deus» (Hb 9, 24).

520. Em toda a sua vida, Jesus mostra-Se como *nosso modelo*: é «o homem perfeito», que nos convida a tornarmo-nos seus discípulos e a segui-Lo; com a sua humilhação, deu-nos um exemplo a imitar; com a sua oração, convida-nos à oração; com a sua pobreza, incita-nos a aceitar livremente o despojamento e as perseguições.

521. Tudo o que Cristo viveu, Ele próprio faz com que o possamos *viver n'Ele* e Ele *vivê-lo em nós*. «Pela sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-Se, de certo modo, a cada homem». Nós somos chamados a ser um só com Ele; Ele faz-nos comungar, enquanto membros do seu corpo, em tudo o que Ele próprio viveu na sua carne por nós, e como nosso modelo:

«Devemos continuar a completar em nós os estados e mistérios da vida de Jesus e pedir-Lhe continuamente que Se digne consumá-los perfeitamente em nós e em toda a sua Igreja [...]. Na verdade, o Filho de Deus deseja comunicar e prolongar, de certo modo, os seus mistérios em nós e em toda a sua Igreja, [...] quer pelas graças que decidiu conceder-nos, quer pelos efeitos que deseja produzir em nós, por meio destes mistérios. É neste sentido que Ele quer completá-los em nós».



II. Os mistérios da infância e da vida oculta de Jesus

OS PREPARATIVOS

522. A vinda do Filho de Deus à terra é um acontecimento tão grandioso, que Deus quis prepará-lo durante séculos. Ritos e sacrifícios, figuras e símbolos da «primeira

Aliança», tudo Deus faz convergir para Cristo. Anuncia-O pela boca dos profetas que sucedem em Israel. E, por outro lado, desperta no coração dos pagãos a obscura expectativa desta vinda.



523. *São João Batista* é o precursor imediato do Senhor, enviado para Lhe preparar o caminho. «Profeta do Altíssimo» (Lc 1,76), supera todos os profetas, é o último deles inaugura o Evangelho; saúda a vinda de Cristo desde o seio da sua Mãe e põe a sua alegria em ser «o amigo do esposo» (Jo 3,29) que ele designa como «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29). Precedendo Jesus «com o espírito e o poder de Elias» (Lc 1,17), dá testemunho d'Ele pela sua pregação, pelo seu batismo de conversão e, finalmente, pelo seu martírio.

524. Ao celebrar em cada ano a *Liturgia do Advento*, a Igreja atualiza esta expectativa do Messias. Comungando na longa preparação da primeira vinda do Salvador, os fiéis renovam o ardente desejo da sua segunda vinda. Pela celebração do nascimento e martírio do Precursor, a Igreja une-se ao seu desejo: «Ele deve crescer e eu diminuir» (Jo 3,30).





O MISTÉRIO DO NATAL

525. Jesus nasceu na humildade dum estábulo, no seio duma família pobre. As primeiras testemunhas deste acontecimento são simples pastores. E é nesta pobreza que se manifesta a glória do céu. A Igreja não se cansa de cantar a glória desta noite:

«Hoje a Virgem dá à luz o Eterno e a terra oferece uma gruta ao Inacessível. Cantam-n'O os anjos e os pastores, e com a estrela os magos põem-se a caminho, porque Tu nasceste para nós, pequeno Infante. Deus eterno!»

526. «Tornar-se criança» diante de Deus é a condição para entrar no Reino, e para isso, é preciso abaixar-se tornar-se pequeno. Mais ainda: é preciso «nascer do Alto» (Jo 3,7), «nascer de Deus» para se «tornar filho de Deus». O mistério do Natal cumpre-se em nós quando Cristo «Se forma» em nós. O Natal é o mistério desta «admirável permuta»:

«*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est; et, procedens homo sine semine, largitus est nobis suam deitatem*». – «Oh admirável permuta! O Criador do gênero humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem sem progenitor humano, tornou-nos participantes da sua divindade!» (227).





Revisando temas

1. O que significa “mistério”?

Pela leitura dos parágrafos acima, você já deve ter concluído que o Catecismo não usa a palavra “mistério” no sentido de “enigma”, de algo que é ignorado, de algo desconhecido. Mistério, nesse sentido, indica um problema a ser solucionado através de um conhecimento a ser conquistado. Diante daquilo que não conhecemos, experimentamos a nossa limitação e sentimos a necessidade de resolver o enigma. Enquanto não desvendamos o enigma, permanece a sensação da insuficiência e da carência humana.

Totalmente diferente é o mistério no senso cristão. O mistério se aproxima do ser humano de tal modo que este compreende que o mistério deve permanecer como mistério porque somente assim é significativo e importante para a sua felicidade. Assim a tentativa de resolver o mistério, além de ser ineficaz, nega a felicidade do encontro pessoal.

Reconhecer algo ou alguém como mistério implica para o cristão a renúncia de se apossar dele e de dominá-lo. De fato, Deus e o seu mistério nunca são objeto de posse e de domínio do homem.

Para que você entenda melhor esse aspecto do mistério cristão, tente refletir sobre as relações humanas. Uma relação humana autêntica pressupõe que o outro não seja reduzido a objeto de nossa ação ou de nosso conhecimento. O outro não pode ser manipulado como objeto, não pode ser dominado como minha propriedade ou coisa, não pode ser violado em sua intimidade como se fosse um enigma a ser resolvido. O outro não está a minha disposição como algo a ser devassado em sua personalidade.

Podemos falar, portanto, de mistério da pessoa humana. Posso conhecer a outra pessoa porque todas as suas manifestações (palavra, gesto, ação) nos dão acesso ao seu mistério pessoal. Tal mistério pessoal não é humanamente acessível senão por revelação pessoal. Posso ter muitas informações sobre a vida de uma pessoa, mas só tenho acesso ao seu mistério pessoal quando sou aceito por ela. Ao ser acolhido pelo outro, este se revela como mistério pessoal através de uma variedade de concreções e de manifestações pessoais: palavras, gestos, ações, silêncios, olhares, sacrifícios...

Se isso é verdade em relação a uma pessoa humana com muito mais razão ainda em relação a pessoa de Jesus Cristo. Para o cristão, conhecer Jesus Cristo não significa possuir informações sobre a Sua vida e Sua missão. Por mais valiosas que possam ser tais informações, o cristão tem consciência de que o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo o remete ao Seu mistério pessoal. Para ter acesso ao Seu mistério, o fiel sabe também que não pode se aproximar dele como de um objeto.

Como se dá então tal aproximação do mistério? “Os evangelhos foram escritos por homens que foram dos primeiros a receber a fé e que quiseram partilhá-la com outros. Tendo conhecido, pela fé, quem é Jesus, puderam ver e fazer ver os traços do seu mistério em toda a sua vida terrena. Desde os panos do nascimento até ao vinagre da paixão e ao sudário da ressurreição, **tudo, na vida de Jesus, é sinal do seu mistério.** Através dos seus **gestos, milagres e palavras**, foi revelado que «n’Ele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade» (CI 2,9). A sua humanidade aparece, assim, como «sacramento», isto é, **sinal e instrumento** da sua divindade e da salvação que Ele veio trazer. **O que havia de visível na sua vida terrena conduz ao mistério invisível da sua filiação divina e da sua missão redentora** (515).

Com a expressão “mistérios da vida de Cristo”, o Catecismo indica, portanto, todos os eventos da vida de Jesus (desde a concepção e nascimento) até a sua glorificação. Todos esses eventos são testemunhados pelo Novo Testamento e manifestam o mistério da pessoa de Jesus Cristo. Tais eventos são também significativos e importantes para a nossa salvação e felicidade, pois: nos revelam quem é Deus e como Ele age na história; iluminam o mistério do homem (quem é ele, qual é a sua origem e o seu destino; cf. GS 22); mostram Jesus como nosso modelo a ser seguido e imitado; permanecem presentes e atuantes na liturgia e na vida dos fiéis.

A nossa fé está vinculada a Deus que não é uma ideia ou uma abstração. Deus se revelou em um homem concreto, que viveu em um lugar e em um período histórico determinado, que se comportou de um modo próprio, que teve uma mãe e foi reconhecido como o “filho do carpinteiro”. Esse Jesus de Nazaré é, em sua concreta existência histórica, o Cristo de Deus. Tudo isso está incluído quando falamos de “mistérios da vida de Cristo”. Nós temos que prestar máxima atenção aos mistérios de Cristo porque “tudo na vida de Cristo é sinal do seu Mistério” (515). A nossa salvação não está ligada primária e originariamente à doutrina ou à moral. Está ligada a Jesus Cristo, à sua vida histórica, cuja Páscoa constitui o ápice.

2. Mistério de Cristo

É preciso, portanto, que fique claro: o que está no centro da fé cristã não é a aparição de uma essência imutável que se impõe à razão humana e pede o seu assentimento; no centro da fé está uma pessoa que age na história. Os fatos históricos postos por esta pessoa constituem a revelação pessoal do Deus cristão. Na pessoa e na ação do Filho, na Sua pregação, nos Seus milagres e nos acontecimentos de Sua vida, Deus se manifesta plenamente como é em si, ou seja, como Aquele que desde sempre (desde o Princípio) quer a salvação do homem e age pessoalmente para realizá-la.

A atenção aos eventos históricos de Cristo não se deve a uma curiosidade ou a um interesse documental, mas ao fato de que nEle se revela o “mistério de Deus”. Assim a encarnação não deve ser compreendida como o instante pontual da união da natureza

humana com a natureza divina. Pelo contrario, deve ser entendida como início de uma história que culmina no mistério pascal. A páscoa também não é entendida de maneira isolada de todo o percurso histórico de Jesus Cristo.

Assim tudo na vida de Cristo – desde a concepção até a ressurreição – tem valor salvífico. No centro da nossa fé está um evento histórico, no qual se manifesta e age Jesus, que é o Filho de Deus e nosso Salvador.

Os mistérios da vida de Cristo reclamam se tornar mistérios do cristão. Com efeito, a salvação que nós cremos por fé, celebramos na liturgia e recebemos por graça deve ser traduzida na vida. Em outras palavras, como discípulos missionários, nós não só buscamos viver como Jesus Cristo, mas também em dependência dEle e com Ele. Para o discípulo missionário o que vem em primeiro lugar não é uma doutrina, mas uma pessoa, um projeto de vida a ser partilhado e uma existência a ser seguida.

Fazer os mistérios de Jesus Cristo se tornarem mistérios do cristão não consiste numa repetição material, exterior e devocional de gestos e de idéias sem vida. O cristão não é um repetidor mas uma testemunha de um Vivente, no qual faz a experiência da salvação.

3. O mistério do natal

“Jesus nasceu na humildade de um estábulo, em uma família pobre; as primeiras testemunhas do evento são simples pastores” (525). Esse nascimento revela quem é Deus (cf. 516). Ele é o Pai que revela tais coisas aos pequenos e humildes e os oculta dos sábios e entendidos. Ele exalta os humildes e despede os ricos de mão vazias.

O nascimento de Jesus é mistério de redenção (cf. 517) que realiza uma inversão dos valores a que estamos mal-acostumados. Desde o nascimento, Jesus não pertence ao ambiente dos poderosos e importantes. É exatamente na pobreza e na humildade deste ser irrelevante, deitado na manjedoura, que se revela o verdadeiramente Poderoso e Grande.

O nascimento de Jesus aconteceu num tempo definido. O Evangelho segundo Lucas nos relata com precisão: “saiu um edito da parte de Cesar Augusto para ser recenseada toda a terra” (Lc 2,1). “Sem o saber, o imperador contribui para o cumprimento da promessa: a história do Império Romano e a história da salvação, iniciada por Deus com Israel, entrelaçam-se uma na outra. A história da eleição feita por Deus, até então limitada a Israel, entra na vastidão do mundo, da história universal. Deus, que é o Deus de Israel e de todos os povos, demonstra ser o verdadeiro guia de toda a história.” (BENTO XVI, Jesus de Nazaré. A infância de Jesus, p. 58).

4. Eis o mistério da fé: Deus, Cristo, Sacramento

“Tríplice e ainda assim único é o sentido do mistério divino. Mistério é antes de tudo Deus em si, Deus como Aquele que é infinitamente distante. O anseio dos homens de se aproximarem deste Deus foi satisfeito pelo advento de Deus na carne. A esta altura, a palavra “mistério” assume significado novo, aprofundado. Para Paulo, o mistério por excelência é a maravilhosa revelação de Deus em Cristo. Cristo é o mistério em forma pessoal. As ações da sua existência humilhada e sobretudo a sua morte sacrificial na cruz

são mistérios. Principalmente, porém, são mistérios a sua ressurreição e glorificação, porque no homem Jesus se torna manifesta e evidente a majestade de Deus. Este mistério de Cristo foi anunciado pelos apóstolos à Igreja primitiva, e a Igreja o transmite a todas às gerações não somente através da Palavra, mas através das ações sagradas. Assim, somos conduzidos ao terceiro significado da palavra “mistério”, significado que se acha estreitamente unido aos dois primeiros, que, por sua vez, são uma só coisa. Encontramos nos mistérios do culto a pessoa de Cristo, a Sua obra salvífica, a Sua eficácia de graça, como diz Santo Ambrósio ‘Eu te encontro nos teus mistérios’” (Dicionário de Liturgia, “Mistério”, p. 764).

